

MATRIZ DE NOSSA

SENHORA DA VITÓRIA (II)

14 JAN 1986

Elmo Elton

As festas comemorativas da data de fundação de Vitória, a 8 de setembro, revestiam-se de grande pompa, tinham caráter cívico-religioso, tanto que a Lei Provincial de 16 de fevereiro de 1857 obrigava a Câmara a custear-lhes as despesas, sendo que outra lei, anterior, de 1855, determinava aquela data para a instalação da Assembléia Legislativa.

Na Matriz oficiava-se missa solene, saindo, à tarde, a procissão de Nossa Senhora da Vitória, acompanhada de Irmandades, Ordens Terceiras, autoridades civis e militares, do povo em massa, as bandas de música animando o cortejo com seus dobrados, tendo eu, meirinho ainda, assistido à muitas dessas suntuosas procissões, quando as ruas centrais se atarpetavam de folhas de mangueira e de flores, as sacadas dos sobrados ostentando toalhas e colchas adarnascadas.

Quando da realização de uma dessas procissões, isto é, a 8 de setembro de 1876, surgiu uma desavença entre o vigário Miecclau Ferreira Lopes Wanzeler e o povo, já que o padre queria fosse a naveta e o turbúlo conduzidos por um seu escravo. A Irmandade do Santíssimo Sacramento, constituída das pessoas mais gradadas da cidade, protestou contra tal deferência, sob a alegação de que escravo não podia acompanhar aquela procissão, e, caso o vigário insistisse em mantê-lo ali, o andor da padroeira não sairia da igreja. A Irmandade de São Benedito, diante disso, retirou-se do cortejo, enquanto a da Boa Morte faz coro aos protestos dos irmãos do SS. Sacramento, todos revoltados com a atitude "impensada" do vigário, visto que o mesmo, repetiam eles, não sabia distinguir brancos de pretos, tratando-os, arbitrariamente, em pé de igualdade.

de.

O vigário, contudo, não se deu por

exclamara: — São Jorge! Portugal! São Jorge! Portugal!, vencendo os inimigos.

A 27 de janeiro de 1895 o padre Eurípides Calmon Nogueira da Gama Pedrinha assumiu a paróquia de Vitória, no cargo de arcepreste, sendo que a Diocese do Espírito Santo foi criada, ainda naquela ano, a 15 de novembro. Pedrinha encontrou a Matriz em péssimas condições, o telhado desabando, os paramentos sem nenhuma conservação, tudo a exigir reparos e substituições, iniciando, assim, campanhas e viagens com o propósito de angariar fundos destinados à sua reconstrução, já que, com a anunciada vinda de bispo para a nova Diocese, o templo passaria à condição de Catedral.

Um parêntesis: — A Matriz, após a reforma recebida em 1785, caiu em quase total decadência, tanto que, quando da visita de Dom Pedro II ao Espírito Santo, em 1860, já estaria em tal estado ruinoso, que o presidente da província, Dr. Pedro Leão Veloso, não se animou a levar o monarca a conhecê-la, quando se sabe que o mesmo esteve em visita a outras igrejas e conventos de Vitória, igualmente mal conservados, mas, de certo, não tanto quanto aquela.

O primeiro bispo diocesano do Espírito Santo, Dom João Batista Corrêa Néri, chegado a Vitória, a 18 de maio de 1897, a bordo do navio **Brasil**, e empossado no cargo a 23 daquele mês, em que se comemora o início da colonização do solo espírito-santense, procurou movimentar, desde logo, as atividades religiosas da Catedral, ministrando os sacramentos, ensinando o catecismo, pregando, tudo de modo a acender tanto no clero secular como no povo em geral novo espírito de Fé.

Dom Fernando de Souza Monteiro, segundo bispo da Diocese, tomou posse na antiga Matriz a 9 de março de 1902 e, logo depois, isto é, em 1904,

realizou remodelações parciais no templo, no ato de melhor adaptá-lo às

O vigário, contudo, não se deu por vencido, e, deixando a custódia que trazia nas mãos, sob o pálio, declarou, em rápidas e contundentes palavras, que, a partir daquele momento, estava alforniado o escravo, sendo que, em decorrência dessa declaração, pôde o mesmo acompanhar o prestito, assim como o queria o padre, ainda que muito a contragosto dos demais acompanhantes. Esse escravo, chamado Antônio Wanzeler, também conhecido por Antônio da Catedral, Antônio do Rosário, Antônio Sacristão e Antônio do Padre, trabalhou, na Matriz, sempre como sacristão, até a morte, ocorrida a 28 de novembro de 1912. Contam que era admirador incondicional de Dom Pedro II, tanto que, a cada 2 de dezembro, data natalícia do imperador, mandava celebrar missa em intenção do mesmo, convidando amigos para assisti-la. Contam, também, que, embora analfabeto, falava o latim, conhecia liturgia, até mais que os padres, usando, na igreja, batina de sede preta.

O Compromisso da Irmandade do SS. Sacramento datava de 1847, sendo que a capela destinada à mesma, na Matriz, reedificada naquela data, recebeu preciosas alfaias, durante-se o seu prezioso alfiás, mandadas celebrar altar. As missas mandadas celebrar pela Irmandade, sempre às oito horas de cada quinta-feira, tornaram-se uma tradição da cidade, assistidas que eram pelo presidente da Assembléa, desembargadores, juizes, autoridades em geral, todos muito honrados com o título de irmãos do SS. Sacramento.

A procissão de Corpus-Christi, saídas dali, eram promovidas por esses irmãos, que usavam opa de seda vermelha, com o desenho de uma custódia bordada a fios de ouro, à altura do peito. Essa procissão trazia sempre o andor de São Jorge, tradição lusitana introduzida no Brasil e que remontava a uma ordem de D. João I, após a Batalha de Aljubarrota (14 de agosto de 1385), durante a qual, ao romperem os castelhanos a vanguarda portuguesa, o mesmo rei, a cavalo, tomara a dianteira de suas forças e

templo, no afã de melhor adaptá-lo às exigências do Bispado.

A 18 de maio de 1918 a cidade recebe seu terceiro bispo: — Dom Benedito Paulo Alves de Souza. Tal prelado, paulista, homem de hábitos elegantes, sabidamente valdoso, tanto que encomendou a pintura de nomeada Ihefizesse o retrato em tamanho natural, estranhou a simplicidade do templo, embora este já estivesse restaurado e devidamente aparelhado, assim foi que, a 6 de julho daquele ano, o **Diário da Manhã**, órgão líder e oficioso do Estado, noticiava a demolição da Matriz, esclarecendo que a planta da futura Catedral, que seria erigida no mesmo local da primitiva, fora aprovada pelas autoridades competentes. Logo depois, uma comissão, instituída a 8 de setembro, ficara com a incumbência de angariar fundos para a obra, transferindo-se os officios religiosos para a vizinha igreja de São Gonçalo.

As obras, contudo, tiveram andamento moroso, quando não paralizadas, e, só após a saída de Dom Benedito da Diocese, a 15 de outubro de 1933, foram as mesmas reativadas, graças aos esforços de Dom Luiz Scortegagna, que o substituiu na direção da Diocese. Com a demolição da velha Matriz, muitas imagens e alfaias se dispersaram, sendo que a imagem da padroeira ficou, durante toda a construção da Catedral, sobre um andor, dentro do templo. Essa imagem, de bom tamanho, era de roca, altíssima. Tinha o manto azul, o vestido de seda rosa com bordados a fio de ouro, trazendo ao colo o Menino Jesus, cada qual ostentando coroa de prata, ambas finamente cinzeladas.

Concluídas as obras da Catedral, a imagem da santa desapareceu de onde estava, é até provável tenha sido roubada ou vendida, quando devia permanecer ali, em nicho especial, ou, então, colocada no altar-mor, onde agora figura uma outra imagem, de linhas modernas, que dizem representar Nossa Senhora da Vitória, embora de desenho que em nada faz lembrar o da primitiva. Uma pena!